

A Dádiva e o Outro: Sobre o Conceito de Desamparo no Discurso Freudiano*

JOEL BIRMAN **

RESUMO

Este ensaio pretende estabelecer a distinção entre a palavra e o conceito de desamparo no percurso do pensamento freudiano, para enunciar que o desamparo, como conceito, se constitui apenas no segundo tópico e na teoria das pulsões dos anos 20. Com isso, o desamparo se articularia positivamente com os conceitos de sublimação e de feminilidade, sendo o masoquismo a sua face negativa.

Palavras-chave: Desamparo; feminilidade; sublimação; vitalismo; mortalismo.

ABSTRACT

On the concept of distress in the Freudian thought

This essay aims at establishing the distinction between the word distress and its concept in the Freudian thought, in order to enunciate that distress, as a concept, is constituted only in the second topic and in the theory of pulsion of the 20's. Thus, distress would be positively articulated with the concepts of sublimation and femininity, and masochism would be its negative side.

Keywords: Distress; femininity; sublimation; vitalism; mortalism.

* Este texto foi escrito a partir de uma conferência pronunciada no Círculo Psicanalítico de Pernambuco, em Recife, no Pré-Fórum de Psicanálise, em 18/3/99.

** Psicanalista, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

RÉSUMÉ

Sur le concept de détresse dans la pensée freudienne

L'intention de l'essai est d'établir la différence entre le mot et le concept de détresse dans le parcours de la pensée freudienne, pour énoncer que la détresse en tant que concept a été constituée seulement dans le seconde topique et dans la théorie des pulsions des années 20. Ainsi, la détresse donc serait articulée d'une façon positive avec les concepts de sublimation et de féminité, et le masochisme serait la face négative de celui-là.

Mots-clé: Détresse; féminité; sublimation; vitalisme; mortalisme.

Recebido em 3/11/99.

Aprovado em 10/12/99.

Palavra e Conceito

Trata-se de demonstrar neste ensaio que existe, em psicanálise, em particular no discurso freudiano, o **conceito** de desamparo. Pode parecer uma banalidade esta afirmação, já que os analistas freqüentemente fazem alusão a essa **palavra** nos seus escritos. Além disso, aqueles se inscrevem em diferentes tendências do pensamento psicanalítico. Finalmente, falar em desamparo está decididamente na moda no campo da psicanálise, razão pela qual a presença desta palavra pulula nos textos psicanalíticos nos últimos tempos.

Contudo, que os analistas façam referência ao desamparo — aqui e ali, em toda parte, até — não quer dizer absolutamente que eles estejam falando da mesma coisa. Poder-se-ia dizer que isso se deve ao fato de que aqueles pertencem a matrizes diversas do discurso psicanalítico e que conseqüentemente trabalham com ênfases e interpretações diferentes da psicanálise. Daí, portanto, que se refiram a diversas concepções do desamparo. Que seja, então. Mas isso não é tudo. Estou certo disso. Algo mais encontra-se aí presente, ênfase aqui, que ultrapassa o horizonte da diversidade teórica.

Assim, existe uma espécie de Babel condensada na mágica palavra **desamparo**, que é preciso reconhecer, antes de mais nada, para que se possa dizer algo de consistente sobre isso. A magia investida nessa palavra é a fonte inesgotável de enganos, tropeços e mal-entendidos entre os interlocutores envolvidos no diálogo sobre isso na psicanálise. Este se caracteriza pela surdez dos dialogantes. Além disso, o discurso destes é marcado pela prolixidade. Isso porque algo sempre escapa do sentido da palavra, que desliza de forma inapreensível quando se pretende falar dela em psicanálise. Neste contexto, a palavra assume uma aura de magia em decorrência dessas particularidades de seu uso.

É justamente essa magia que precisa ser decantada na utilização dessa palavra, na medida em que isso iria alimentar as potencialidades de ruído entre os diferentes interlocutores. Isso porque não se trata aqui de uma mera situação de polissemia, na qual a polivalência de sentido seria a condição de possibilidade tanto da criação quanto da criatividade teóricas. Ao contrário, parece-me que se trata de uma confusão entre palavra e conceito, no que tange ao desamparo.

Com efeito, a palavra e o conceito de desamparo não querem dizer a mesma coisa no discurso freudiano. Pode-se encontrar nele, freqüentemente, a utilização dessa palavra sem que esteja em questão necessariamente

o conceito de desamparo. Ou, inversamente, pode-se constatar ainda a presença operatória do conceito de desamparo sem que a palavra desamparo esteja diretamente referida. Esta distinção é fundamental, de maneira que reconhecê-la e apreendê-la no registro da escrita freudiana é o caminho necessário para que se possa sair do efeito mágico da palavra desamparo e da Babel psicanalítica daí decorrente. Poder, enfim, se descolar do encantamento paralisante dessa palavra é escapar também da prolixidade que marca o seu uso e da surdez que caracteriza o diálogo dos interlocutores.

Gramáticas

Assim, é possível reconhecer, sem muita argúcia, que a palavra **desamparo** foi enunciada bem precocemente no discurso freudiano. Em contrapartida, o conceito de desamparo é bastante tardio, fazendo apenas a sua emergência após os anos 20. Essa **distância temporal** indica que Freud teve que empreender um longo percurso teórico-clínico para transformar a palavra **desamparo** num conceito metapsicológico. Poder surpreender e argüir as razões desse percurso é fundamental para que se possam reconhecer as condições de possibilidade do conceito de desamparo em psicanálise.

A palavra em questão já se encontra presente no “Projeto de uma psicologia científica”, numa famosa passagem, sempre repetida pelos comentadores, da terceira parte desta obra (Freud, 1973 [1895], 3ª parte). Porém, o seu uso é restrito e até mesmo eventual no discurso inicial da psicanálise. Entretanto, após os anos 20 a palavra ocupará bastante espaço na escrita freudiana e crescerá sempre em volume, de maneira inesperada. Essa transformação na escrita é o signo de uma transformação fundamental no seu uso e no seu sentido, indubitavelmente.

Além disso, a palavra desamparo no novo contexto não se restringe apenas a um uso **adjetivo**, como ocorria nos primórdios do discurso freudiano, assumindo agora também a forma gramatical do **substantivo**. Estas transformações, da função gramatical e morfológica da palavra desamparo, aparentemente súbitas, indicam a construção de um conceito anteriormente inexistente. Assim, desde o “Além do princípio do prazer” (Freud, 1981 [1920]), até o “Mal-estar na civilização” (Freud, 1971 [1930]), passando por “Inibição, sintoma e angústia” (FREUD, 1973) e pelo “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1971), pode-se caminhar pelas sendas de outro universo semântico, que indica a presença de outra gramática conceitual no campo

psicanalítico. É a construção dessa gramática, nova e outra, que se encontra em pauta aqui.

Estes comentários introdutórios já indicam a presença de uma série de problemas de ordem epistemológica e metodológica na leitura do discurso freudiano, que é preciso sublinhar e avaliar cuidadosamente, para melhor explicitar e aquilatar a confusão existente entre os registros da palavra e do conceito de desamparo a que aludi acima. É de importância crucial então destacar aqueles, de forma sumária pelo menos, já que seria por esse viés apenas que se poderia encontrar o caminho para se enunciar o conceito de desamparo. Este caminho é constitutivo do próprio conceito de desamparo, sendo o correlato do percurso teórico-clínico que o discurso freudiano teve que percorrer entre 1895 e 1920, a que me referi acima.

Continuidade e Descontinuidade

A fratura existente entre a palavra e o conceito de desamparo, no discurso freudiano, bem entendido, indica que estou propondo aqui uma leitura deste discurso fundada na **descontinuidade**. Vale dizer, esse discurso não se apresentou nem se enunciou sempre da mesma maneira, mas se caracterizou por inflexões, rupturas, pontuações e transformações radicais ao longo de seu percurso. Portanto, as condições iniciais daquele discurso não são as mesmas que se impuseram no seu desdobramento posterior. Enfim, existiria um pensamento freudiano nos primórdios da psicanálise que não é idêntico ao que se constituiu no seu final, e que é preciso reconhecer nas diferenças significativas que fundamentam experiências analíticas também diferentes.

Se esta interpretação geral que sugiro aqui é legítima e bem fundada, como pretendo demonstrar ao longo deste ensaio, de maneira condensada, isso nos permite depreender imediatamente que as leituras do discurso freudiano que consideram que a mera presença da palavra **desamparo** nos escritos iniciais de Freud seria já por si mesma a evidência de um conceito, se fundam numa leitura **continuista** daquele discurso. Portanto, o discurso freudiano que supostamente teria sido reconstituído após os anos 20 já estaria enunciado, de fato e de direito, nos seus primórdios. Seriam pois estas leituras que estariam sendo criticadas aqui, já que para estas o “Projeto de uma psicologia científica” seria então o esboço da teoria psicanalítica.

Essa posição epistemológica continuista se desenvolveu no campo psicanalítico desde o início dos anos 50, quando justamente se publicou o dito

“Projeto de uma psicologia científica”, acompanhado de uma parcela da correspondência com Fliess, onde se revelou a presença de pequenos esboços teóricos de Freud enviados a Fliess com algumas hipóteses originais de pesquisa (Freud, 1973 [1895]). Como algumas concepções do “Projeto de uma psicologia científica” se aproximavam de parte das noções encontradas no “Além do princípio do prazer”, supôs-se então que Freud enunciava teses no final do seu percurso teórico que eram similares às de seus primórdios. Entretanto, trata-se de um equívoco interpretativo, já que os termos das questões nos dois contextos não são os mesmos, não obstante a existência de algumas similaridades. Além disso, Freud nunca quis publicar o ensaio de 1895 e fundiu parcialmente a metapsicologia em “A interpretação dos sonhos” (1900 / 1976), no célebre capítulo VII. Enfim, foi então essa metapsicologia que orientou o pensamento freudiano até a viragem dos anos 20.

De qualquer forma, com a redescoberta e a publicação do ensaio de 1895 nos anos 50, as mais diferentes orientações do pensamento psicanalítico pós-freudiano lançaram a interpretação baseada na continuidade do pensamento freudiano. É curioso registrar aqui como diferentes leituras do discurso psicanalítico insistiram no mesmo ponto, sublinhando sempre o continuísmo no pensamento freudiano, a partir de similaridades superficiais entre 1895 e 1920. Com efeito, das interpretações fisicalistas às hermenêuticas, passando pelas leituras semiológica e lingüística da psicanálise, a tese da continuidade foi sustentada de maneira insofismável.

Se nos aproximarmos dessa interpretação continuísta, no entanto, na sua diversidade teórica, pode-se surpreender o mesmo movimento de pensamento. Com efeito, impõe-se ao “Projeto de uma psicologia científica” a mesma racionalidade presente na segunda teoria das pulsões e formulada no “Além do princípio do prazer”, de maneira a fazer falar o primeiro escrito aquilo que se encontra presente apenas no segundo. Foi por esta manobra questionável de leitura que se transformaram palavras em conceitos, sem que se considerassem devidamente os diferentes contextos de discursividade em pauta. Enfim, foi por esse viés que se afirmou a presença do conceito de desamparo desde os primórdios do discurso freudiano e não como um conceito tardio, se impondo, pois, um outro sentido para a palavra desamparo.

Contudo, os princípios norteadores do “Projeto de uma psicologia científica” não são os mesmos que se encontram na aventura metapsicológica dos anos 20, não obstante certas similaridades. Pelo contrário, as teses sustentadas naquela obra são homogêneas com o que se enunciou na teoria psi-

canalítica até os anos 20, condizentes que são, pois, com a primeira teoria das pulsões. Como já disse, Freud inscreveu o fundamental dessa metapsicologia inaugural em “A interpretação dos sonhos”, decantando-a ao máximo de sua linguagem naturalista. Portanto, a ruptura freudiana se realizou mesmo, de fato e de direito, após os anos 20, com os princípios sustentados por Freud desde 1895. Seria, pois, esta continuidade inicial que deveria ser bem mostrada e, se possível, demonstrada, isto é, aquela que existe entre a metapsicologia de 1895, a primeira teoria das pulsões e a primeira tópica. Tudo isso para que se possa indicar a ruptura freudiana posterior, que se desenvolverá em torno do conceito de desamparo.

Entretanto, para que se considere devidamente a ruptura freudiana e a constituição do conceito de desamparo, na encruzilhada de diferentes metapsicologias, é preciso sublinhar as sendas por onde se ordenou e se reordenou o discurso freudiano. Para tal, necessário é que se destaquem as diferentes **dimensões** que estão implicadas nas **escolhas** teóricas de Freud. Quais seriam estas, então? Pode-se sublinhar aqui quatro discussões que delineiam, pelo menos, o percurso teórico em pauta, a saber:

1. uma escolha **metafísica** de Freud, na maneira como encarou a oposição entre a vida e a morte;
2. a fundamentação dessa escolha metafísica, que se desdobrou nos **discursos biológicos** manejados por Freud;
3. as conseqüências disso tudo para a construção das diferentes **metapsicologias**, que estão aqui em questão;
4. finalmente, os desdobramentos **clínicos** que as diferentes opções e desenvolvimentos implicaram.

Será isso, pois, que formularemos em seguida, nos deslocando da metafísica e da biologia, para que possamos, enfim, circunscrever melhor as metapsicologias e as clínicas delineadas pelo discurso freudiano em diferentes contextos.

Escolha Metafísica?

Pode soar estranho que eu possa me referir a escolhas metafísicas de Freud na fundação da metapsicologia e que isso tivesse efeitos na sua clínica. Assim, como seria possível que um autor, tão marcado como era pelo discurso da ciência e pelos traços do positivismo, tivesse sido direcionado

por certas escolhas metafísicas, argüiriam alguns? Contudo, marcado que fosse Freud pelos ideais do positivismo na sua filosofia da ciência, sendo ou não um cientificista, pouco importa, aliás, qualquer discurso teórico com pretensão científica supõe sempre algumas escolhas metafísicas prévias, que são as suas condições concretas de possibilidade. Parece-me, pois, que isto está presente em qualquer discurso científico, logo também na psicanálise, se é que esta se constituiu como uma ciência. O que não é absolutamente líquido e certo, diga-se de passagem.

O que estava em pauta aqui, nas escolhas ditas metafísicas de Freud, dizia respeito às relações entre os valores da vida e da morte. No que tange às escolhas em questão, Freud estará sensível ao que ocorre no seu contexto histórico, inclinando-se entre os valores da vida e da morte de acordo com as oscilações que tendem a dominar as discussões teóricas do seu tempo. O que não quer dizer que com as escolhas que realizou, a partir do contexto histórico em que se inseriu, Freud não tenha empreendido uma construção teórica original e criativa, como veremos adiante.

Assim, no campo dessas escolhas, Freud atribuiu inicialmente à **vida** a condição de origem insofismável do ser, sendo a **morte** então a perda desse bem originário, o produto inevitável e a resultante do seu desgaste. A morte seria, pois, não apenas o Outro absoluto da vida, aquilo que se opõe a ela radicalmente, como também aquilo que mantém com aquela uma relação de exterioridade. A vida e a morte seriam então neste contexto dois estados opostos, estabelecendo relações **extrínsecas** entre si. A vida seria, pois, um **é** absoluto e insofismável. Foi esta escolha que Freud realizou desde os capítulos iniciais do “Projeto de uma psicologia científica” (Freud, 1973 [1895]) de maneira bastante evidente e que retomou, logo em seguida, no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*.

Em contrapartida, após os anos vinte não era mais a vida o que estaria nas origens do ser, mas a morte, sendo a vida então a possibilidade que o ser adquiria para se opor à iminência e à irrupção da morte. A vida seria pois uma **aquisição** e não algo originário do vivente, que neste se inscreveria então a partir do Outro. Enquanto incrustação e artifício do Outro, a vida estabeleceria desde sempre uma luta entre Titãs com a morte. Porém, esta estaria sempre lá, à espreita, dissolvendo de maneira silenciosa o trabalho de produção da ordem vital. Haveria então uma imbricação entre vida e morte nesta segunda suposição, e não mais uma relação de exterioridades entre essas possibilidades. Vale dizer, a morte estaria no interior da vida, carcomendo interiormente as potencialidades vitais. Esta outra escolha foi realizada por

Freud ao longo do “Além do princípio do prazer” e defendida de forma literal no ensaio sobre “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1973 [1924]), de 1924.

Seria então pela consideração acurada dessa oposição e das escolhas metafísicas que foram realizadas pelo discurso freudiano que se pode melhor compreender as diferentes modelizações metapsicológicas presentes no pensamento freudiano e os seus desdobramentos para a leitura da experiência psicanalítica. Contudo, para se apreender isso de maneira aguda é preciso antes vislumbrar como essas opções metafísicas foram representadas por Freud pela mediação do discurso biológico.

Para tal o discurso freudiano se valeu de diferentes referenciais do pensamento biológico do século XIX, para fundar estas diversas opções. É o que se verá em seguida.

Vitalismo e Mortalismo

Pode-se afirmar que o discurso freudiano se deslocou de um postulado biológico **vitalista** para interpretar as relações de oposição entre a vida e a morte, para um outro fundado no **mortalismo**, para nos valermos de um termo utilizado com bastante ironia por Foucault em *O Nascimento da clínica* (Foucault, 1963, cap. VIII e IX), para realizar uma crítica sistemática ao vitalismo de Canguilhem em *O normal e o patológico* (Canguilhem, 1975).

Entre vitalismo e mortalismo então se deslocou o pensamento freudiano para pensar as relações entre a vida e a morte. Foi entre esses modelos sobre o organismo que este se fundou para pensar na anterioridade da vida sobre a morte ou, então, posteriormente, na anterioridade da morte sobre a vida. Para cada um daqueles discursos biológicos, vigentes ao longo do século XIX, o originário do ser não era pois o mesmo, pendendo o primeiro para a **ordem** da vida e o segundo para a **desordem** da morte. Seria então entre a ordem e a desordem que a oposição entre vida e morte foi colocada naqueles discursos sobre o organismo. Onde estaria, enfim, o fundamento do ser: na ordem ou na desordem, na vida ou na morte? Seria, então, esta a problemática fundamental aqui colocada e que merece ser pontuada no seu alcance.

Nos primórdios do pensamento freudiano, com efeito, existia na sua inofismável escolha da vida como originário **uma adesão eloquente** ao modelo do vitalismo. Esta corrente do discurso biológico **foi constitutiva** da própria

biologia enquanto saber, estando presente na tradição científica desde o século XVIII. Nesses termos, enunciar e sustentar a idéia da existência de uma **força vital** e da presença da **irritabilidade** como características básicas do vivente era a maneira pela qual o discurso científico afirmava a diferença da matéria orgânica em relação à inorgânica. Seria pela mediação daquelas que as plantas e os animais se diferenciariam do universo inanimado. Por isso mesmo, a constituição da biologia enquanto ciência se identificou com os postulados do vitalismo, já que desta forma o discurso da física, que era então dominante na tradição científica, não podia dar conta do mundo animado¹.

Este modelo vitalista foi meticulosamente rearticulado por C. Bernard, no século XIX, para a construção da fisiologia como ciência e para se pensar na existência de uma medicina experimental (Canguilhem, 1968 e 1971). Para tal, aquele concebeu o organismo segundo a idéia de **homeostasia**, onde a existência de regulações automáticas naquele permitiriam a manutenção de operadores vitais. Desta maneira, os meios interno e externo estabeleceriam relações homeostáticas, capazes assim de manter as constantes vitais e a adaptação do organismo às exigências do meio exterior. A vida seria, pois, esse funcionamento homeostático do organismo, que entre meios interno e externo permitiria a adaptação do organismo ao meio exterior.

Foi desse modelo que se valeu Freud nos primórdios da psicanálise, de maneira indiscutível. Antes de mais nada, a predominância da sexualidade neste contexto implica a identificação desta com a força vital. A natureza humana seria pois exuberante nas suas manifestações erógenas, sendo estas derivações polimorfos da vitalidade. Em seguida, o psiquismo foi concebido segundo um modelo fundado na homeostase, que pela regulação sexual permitiria as relações entre os meios interno e externo, entre o corpo e os objetos, ou, enfim, entre sujeito e o Outro. Finalmente, seria através disso que a adaptação possível entre psiquismo e mundo — variações, no aparelho psíquico, das noções de meios interno e externo no discurso da fisiologia — seria possível.

Além disso tudo, é preciso considerar que o discurso biológico de C. Bernard se encontra presente nos escritos iniciais de Freud, tanto no “Projeto de uma psicologia científica” quanto no capítulo VII de “A interpretação dos sonhos”. Foi nestas obras que Freud constituiu a sua metapsicologia

¹ Sobre isso, vide Canguilhem (1968 e 1971).

inicial, não nos esqueçamos disso. Por isso mesmo, o modelo vitalista foi fundamental na sua construção.

Em contrapartida, não era mais o modelo vitalista que estava no horizonte teórico freudiano após os anos 20. Neste contexto, Freud sublinhava não apenas a presença de uma deiescência vital, uma forma de incapacidade originária para a vida do organismo, como também uma insuficiência vital deste. Foi aqui que Freud formulou a existência de um movimento primordial para a morte, como uma propensão originária do ser vivente. Em seguida, o discurso freudiano se referirá a isso tudo como sendo a revelação de uma **prematividade** do organismo humano, que viria ao mundo incapacitado para a vida, sobretudo no que tange ao sistema nervoso, conforme os elementos já disponíveis pela biologia e pela fisiologia daquele sistema no início do século XX.

Seria em função mesmo dessa prematividade biológica, isto é, dessa deiescência e incapacidade vital, que o organismo humano precisaria do outro, de maneira absoluta, como condição *sine qua non* para a sua sobrevivência enquanto organismo. Com isso, o ser humano incluiria a vitalidade do outro no seu ser, marcado que seria pela insuficiência abissal. Seria o outro como ordem que inscreveria o infante marcado pela desordem no registro da vida. Seria por isso mesmo que a natureza humana desenvolveria uma marca insuperável de **dependência** ao outro, condição de possibilidade que este seria para a sua produção vital e para a sua reprodução vital, já que a vida teria que se impor permanentemente sobre esse fundo amorfo perpassado pela morte.

Foi neste contexto, pois, que o modelo biológico vitalista foi substituído pelo mortalista, isto é, que Freud teve que se deslocar do referencial de C. Bernard para o de Bichat. Este, nos primórdios do século XIX, como um dos construtores que foi do discurso da anatomia patológica e da anatomoclínica, não dizia que “a vida é o conjunto de forças que lutam contra a morte” (Bichat, 1994), enfatizando que a vida como figura é o que se opõe ao fundo de morte existente no vivente? Portanto, a morte como **informe** seria aquilo que estaria presente como fundo na condição vital do organismo, presença sempre eminente e solene, como desordem que pode a qualquer momento romper em pedaços a ordem vital. Esta seria caracterizada pela fragilidade e pela fugacidade, na medida mesmo em que funcionaria como dique face à ameaça sempre presente da morte.

Lacan teve o mérito teórico de mostrar, com muita pertinência, aliás, a presença desse modelo biológico em Freud (Lacan, 1966). Além disso, ar-

ticulou-o à tese freudiana da prematuridade biológica de maneira precisa, para enunciar a ligação disso tudo com a constituição do conceito de pulsão de morte.

Em tudo isso, é a presença da morte como origem e fundo da condição humana que se revela com eloquência no discurso freudiano, de maneira que a desordem se impõe face à ordem de forma contínua, como o informe ao mundo da morfologia. É preciso que agora possamos demonstrar como a escolha metafísica de Freud e a utilização desses modelos do pensamento biológico estão no fundamento das metapsicologias do discurso freudiano.

Metapsicologias

Assim, o pressuposto básico da primeira metapsicologia freudiana se constituiu pela **recusa** do princípio da inércia e por sua transformação no princípio da constância. Este gesto teórico de Freud se encontra já no capítulo inicial do “Projeto de uma psicologia científica” (Freud, 1973 [1895], 1ª parte). Aquele o afirmou de maneira eloquente e indubitável, ao enunciar que se o princípio da inércia fosse aquilo que regula o destino da excitabilidade neuronal o organismo não sobreviveria. Com efeito, pela descarga total e absoluta das excitações o organismo seria fadado à morte, pela eliminação completa de sua energia. Chegando, assim, ao reconhecimento disso e de sua conseqüência inevitável, Freud recua e recusa o princípio da inércia. Passa a enunciar então que apenas uma parte das excitações seria eliminada como descarga e uma outra retida para tornar a vida possível para o organismo. Pela retenção de uma parcela da excitação, o princípio da inércia foi, pois, transformado no princípio da constância. Enfim, existiria sempre no organismo uma parcela das excitações que não seria eliminável, sendo essa constante o fundamental pela própria **exigência** da vida. Freud nos falou aqui da **urgência da vida**.

Nestes termos, a urgência da vida a que se referiu Freud é a afirmação do postulado básico do vitalismo, segundo o qual a ordem vital seria originária e insofismável. Seria isso justamente que teria conduzido o discurso freudiano à recusa do princípio da inércia e à sua transformação no princípio da constância. Assim, seria impossível para um teórico marcado pelo vitalismo admitir um processo de eliminação total de energia, já que isso iria contradizer os princípios mesmos que fundariam a ordem vital como originária e primordial.

Neste contexto, a irritabilidade em questão já se constituiria como um

circuito pulsional ordenado, isto é, uma força (*Drang*) que já teria uma ligação com o universo dos objetos e das representações. Isso porque admitir a retenção e a constância energética não eliminável implicaria já um esquema de satisfação possível para a excitabilidade, razão necessária para a sua retenção. Portanto, o princípio do prazer estaria presente desde sempre, correlato que seria do princípio da constância, articulando o circuito pulsional de maneira originária.

Conseqüentemente, a pulsão sexual faria a sua emergência desde a origem, regulado que seria o circuito pulsional pelo princípio do prazer. A pulsão sexual seria, pois, a manifestação imediata da força vital, revelando a pleora do prazer que delinearía como tal a ordem da vida. O esquema teórico do vitalismo encontra-se transposto então para a linguagem da sexualidade de maneira imediata. A ordem vital se identificaria, então, com a sexualidade e o prazer.

Em contrapartida, em “Além do princípio do prazer” inaugura-se uma metapsicologia a ela oposta nos menores detalhes. O discurso freudiano enuncia aqui o conceito de pulsão de morte como sendo uma força primordial que tende para a descarga total, colocando em questão a ordem da vida. A tendência originária do organismo seria, pois, para o esvaziamento energético total, visando, assim, à quietude do ser, com um retorno radical ao inorgânico, isto é, ao universo inanimado e mineral. Enfim, a morte estaria na origem do ser e da vida, presença silenciosa que se impõe imediatamente.

Foi por essa transformação radical em pauta que o discurso freudiano realizou a crítica sistemática de sua metapsicologia inicial. Assim, em “O problema econômico do masoquismo” foi enunciado que o princípio do prazer não seria absolutamente originário, mas derivado e secundário à existência, no ser, de um movimento primordial para a morte (Freud, 1973 [1924]). Freud afirmou mesmo que “errou” quando dissera anteriormente que o prazer seria originário. Por isso mesmo, enuncia que o movimento primordial para a morte seria regulado pelo princípio do nirvana. Portanto, aquilo que tinha sido recusado inicialmente, como sendo o princípio da inércia, foi retomado decididamente nesse outro contexto como princípio do nirvana.

O modelo biológico mortalista foi o esquema teórico que orientou o discurso freudiano na reformulação metapsicológica. A deiescência vital seria a marca fundamental da natureza humana, delineando-a, pois, nas suas pulsações originárias. A prematuridade biológica do organismo humano seria o correlato dessa propensão primária para a descarga absoluta. Porém, se para Bichat “a vida é o conjunto de forças que lutam contra a morte”, como

evoquei acima, como se introduziria então a ordem vital na natureza voltada para a morte? Como foi que o discurso freudiano inscreveu na nova metapsicologia essa exigência fundamental da biologia mortalista?

Assim, Eros seria a força existente que se contraporaria ao movimento para a morte e para a quietude do ser. É curioso e bastante revelador registrar como, agora, para Freud, Eros se identifica com a pulsão de vida, explicitando o bem fundado de nossa interpretação acima sobre a primeira metapsicologia, pela qual a pulsão sexual se identificava com a força vital. Seria, pois, Eros, enquanto potência de união e de ordem, que se contraporaria a Tanatos, como força de dissolução e de produção do informe. Enfim, Eros seria então o princípio que condensaria o conjunto de forças que lutariam contra a morte, representado por Tanatos.

Porém, isso ainda não é tudo. Esses termos e conceitos nos fornecem apenas outra linguagem para enunciar o esquema mortalista e reordenar os eixos da metapsicologia freudiana, de acordo com as novas exigências teóricas. Esta seria a condição necessária para solucionar a problemática agora esboçada, mas não suficiente. Para tal, seria preciso considerar a forma de **agenciamento** dessa operação, para que se possa dar conta do tal conjunto de forças vivas que lutam contra a morte. Foi aqui que a problemática do **Outro** se inscreveu radicalmente na metapsicologia freudiana, na medida em que aquele seria o *locus* do agenciamento para que o conjunto de forças da vida pudesse se contrapor às da morte.

Com efeito, se o movimento originário do organismo é para a descarga e para a quietude, não existiria no interior daquele nada que a isso se pudesse contrapor, já que aquele, deixado a si próprio, tenderia para a morte. Conseqüentemente, a possibilidade para que a ordem vital se instituisse adviria de algo **exterior** ao organismo, que como uma contraforça vital se contraporaria ao movimento para a descarga. Esse exterior seria representado pelo Outro, que pelos cuidados e pela erogeneização da descarga permitiria o retorno desta para o interior do organismo e com isso a fixação da ordem vital.

Portanto, seria pelo trabalho do outro que a pulsão de morte seria regulada pela pulsão de vida, possibilitando que aquela fosse vinculada a um campo de objetos de satisfação e ao campo de representações que nomearia a força que impeliu para a descarga. Com isso, a pulsão se tornaria sexual e seria então regulada pelo princípio do prazer. Vale dizer, seria pela exterioridade que a interioridade seria constituída como ordem sexual, transformando a natureza do organismo, ao alocar nesses territórios de auto-

erotismo que se oporiam aos movimentos para a descarga mortífera. Enfim, seria desta maneira que se inscreveria no conjunto de forças vitais (sexuais) que lutariam contra a morte.

O esquema da nova metapsicologia foi delineado nos ensaios metapsicológicos de 1915, principalmente em “As pulsões e seus destinos” (Freud, 1968 [1915]), quando o discurso freudiano enunciou a **autonomia** da força pulsional em relação aos seus representantes. Com isso, esta leitura criticou o esquema metapsicológico inaugural, no qual o circuito pulsional estava ordenado desde a origem. O que se impõe agora é a ordenação do circuito a partir da força pulsional, no qual o outro é operador deste agenciamento, pela oferta de objetos de satisfação a partir da nomeação da demanda da força pulsional. Seria o outro, pois, que realizaria o **trabalho** de ligação da força da pulsão aos objetos de satisfação, pela interpretação que faria daquilo que demanda aquela força.

Com isso, os **destinos** descritos por Freud no ensaio “As pulsões e seus destinos” — a passagem do ativo para o passivo, o retorno sobre o corpo, o recalque e a sublimação (Freud, 1968 [1915]) — seriam o produto do trabalho realizado pelo outro, segundo o qual se ordenariam as forças erógenas que poderiam combater o movimento originário para a morte presente no organismo. A constituição do **corpo erógeno** seria a resultante maior desse processo, pelo qual a ordem vital seria a ordem sexual propriamente dita. Com isso, o novo esquema metapsicológico se consolida nos seus menores detalhes, contrapondo-se ao modelo primordial em todos os seus pontos.

Todas as peças do quebra-cabeça que me propus a decifrar estão já aqui dispostas. O que se impõe agora é circunscrever a emergência teórica do conceito de desamparo, em que este se transforma de palavra em conceito, e da gramática do adjetivo para a do substantivo.

Desamparo, Conjugação e Ato

O conceito de desamparo em psicanálise se constituiu, de fato e de direito, no contexto da formulação final da metapsicologia freudiana. Ele é diretamente tributário da construção do conceito de pulsão de morte e daquilo que o funda, isto é, a suspensão da recusa imposta nos primórdios do discurso freudiano ao princípio da inércia e a sua nova enunciação sob a forma do princípio do nirvana. Vale dizer, o desamparo é o correlato, na natureza humana, de sua propensão originária para a descarga total e absoluta das excitações, na medida em que inexistente no ser qualquer meio de

domínio destas, apenas restando, para aquele, a possibilidade de sua eliminação. Assim, o vivente almejaria um estado de quietude, pelo apagamento mesmo de sua condição animada e o retorno à suposta condição anterior de inanimado e de mineral. Por isso mesmo, o discurso freudiano intitulou de **nirvana** o princípio regulador dessa propensão, já que o estado de quietude buscado pelo ser, incapaz de manejar com as excitações, se identificaria com a situação de nirvana, sustentada e desenvolvida pela filosofia e pela religião hindu. Provavelmente, Freud retirou este termo da filosofia de Schopenhauer, já que este introduziu na cultura européia, e alemã em particular, as propostas filosóficas sobre o hinduísmo, na primeira metade do século XIX. Contudo, para o discurso freudiano seria o retorno do organismo à condição de inanimado, o querer livrar-se de sua condição animada, por não ter instrumentos próprios para dominar as excitações e constituir com elas destinos outros que não sejam a morte — condizentes, então, com a manutenção da ordem da vida.

Em função mesmo da inexistência de instrumentos para o domínio das excitações, estas se constituem como **excesso** para o organismo. Falar, pois, em excesso implica uma relação entre a **magnitude** da excitação e a **inexistência de instrumentos** capazes de dominá-la e que possam construir destinos adequados com a ordem vital. Neste contexto, o excesso se constitui enquanto tal em decorrência da deiscência vital da natureza humana, isto é, como conseqüência da prematuridade biológica que a marca desde a origem. Por isso mesmo, o organismo humano seria fadado à morte e à quietude se não fosse a presença do outro, que agenciaria os instrumentos que lhe faltam intrinsecamente para construir destinos outros para a força pulsional que permitam a construção da ordem vital. Seria o outro, enfim, que realizaria o **trabalho** de ligação da força pulsional que o organismo humano seria incapaz de realizar.

Nesses termos, a ordem vital se identificaria com a ordem sexual, já que seria pela erogeneidade oferecida pelo outro que o organismo humano poderia ser viável para a vida propriamente dita. A vida, pois, não seria inerente ao vivente, mas algo que lhe seria introduzido pelo outro, pela erogeneização do organismo prematuro e incapaz para a vida. Assim, a vida seria da ordem da **transmissão** e não uma qualidade e atributo inerente ao organismo humano, mas algo que lhe foi ofertado como um **dom** pelo outro. Se a problemática da **dívida simbólica** se colocou de maneira peremptória no discurso freudiano desde os anos 15 e 20, no contexto de produção e de elaboração da nova metapsicologia, isso se deve ao fato de que o reconhe-

cimento da incapacidade do organismo para a vida o coloca numa posição de recebê-la do outro pelas sendas da erogeneidade. Com isso, contrai uma dívida para com o outro, pois a vida não lhe foi absolutamente ofertada como uma dádiva da natureza ou de Deus, mas pela transmissão do outro, como um **dom**.

Assim, o sujeito se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma **dependência** da qual jamais se libertará. Isso porque mesmo que posteriormente o sujeito se torne possuidor de instrumentos para manejar melhor o excesso produzido pelas excitações, inexistente nas suas origens, relativizando, pois, a sua absoluta dependência do outro, o fato de que a força pulsional seja uma **força constante e contínua** (Freud, 1968 [1915]) recoloca o sujeito na condição de desamparo fundamental e de dependência ao outro. Portanto, o desamparo e a dependência humana em relação ao outro se reproduzem posteriormente, ao longo da existência humana, em função mesmo de que a força pulsional, enquanto **exigência de trabalho** (Freud, *idem*), se impõe permanentemente e passa pelo outro para que possa ser dominada, constituindo destinos erógenos. Seria por isso, enfim, que Pontalis formulou que, no que tange à natureza humana, somos desamparados e prematuros por vocação, e não apenas temporariamente, pela condição de imaturidade biológica do organismo nos primeiros tempos de vida (Pontalis, 1968).

Desta maneira, o desamparo vocacional da condição humana se constituiria pelo **intervalo** sempre recolocado entre a força, os representantes da pulsão e os objetos capazes de apaziguar as excitações. Seria para articular esse intervalo, isto é, conjugar a força, os representantes e os objetos da pulsão, que o outro se introduz no organismo diante de sua inviabilidade biológica para a vida. Enunciar que o trabalho do outro é de **conjugação** é afirmar que este realiza a função de costurar a força da pulsão com objetos de satisfação, a partir de uma interpretação (nomeação) das exigências vitais do infante. Seria, pois, o outro que realizaria o trabalho pelo qual a força pulsional seria transformada num **circuito pulsional**, isto é, constituída de objetos de satisfação e inscrita no mundo das representações.

O outro realizaria então um trabalho de **conjunção** entre os registros diferentes da **força**, do **objeto** e da **representação**, pela qual se ordenaria o circuito pulsional. Esta conjunção é um trabalho de ligação do diverso e do diferente, forma pela qual Freud representou a forma de operação da pulsão de vida (Freud, 1981 [1920]). Com efeito, enquanto a pulsão de morte tenderia para a descarga e para a busca da quietude absoluta, a pulsão de

vida realizaria ligações, erogeneizando o organismo pela construção de circuitos pulsionais. Assim, a ordem vital se tornaria realmente viável.

Na metapsicologia inicial de Freud não existia a necessidade de todo esse trabalho, justamente porque o circuito pulsional já estaria pré-formado no registro da natureza. Ao recusar o princípio da inércia e transformá-lo no princípio da constância, o discurso freudiano admitiu a existência originária do circuito da pulsão. Com isso, o circuito pulsional seria um dom da natureza e não uma transmissão do outro. A vida seria então uma **dádiva** ofertada pela natureza e não algo a ser transmitido pelo outro, como se enunciou na metapsicologia final do discurso freudiano. Conseqüentemente, se a ordem vital já é dada como uma dádiva da natureza, se o circuito pulsional está funcionando desde as origens, se o prazer e a erogeneidade são inerentes à natureza humana, não existiria lugar para o desamparo propriamente dito. Este seria de ordem adjetiva e não substantiva, como disse acima, no início deste desenvolvimento. Por tudo isso, o conceito de desamparo não se poderia constituir na metapsicologia inicial do discurso freudiano, mas apenas na que foi posteriormente construída — não passando, pois, nos primórdios da psicanálise, de uma mera palavra.

Além disso, é preciso considerar aqui devidamente o alcance decorrente do fato de que o trabalho do outro realiza uma conjugação e uma conjunção entre a força da pulsão, os objetos de satisfação e o mundo dos representantes das pulsões, isto é, tudo aquilo que Freud condensou no conceito de pulsão de vida enquanto força de ligação. Com efeito, empreender ligações pela conjunção de registros diferentes implica a conjugação de uma **ação** propriamente dita. A construção do circuito pulsional apresenta-se como uma ação constitutiva da própria ordem vital, pela qual a vida se torna viável. O corpo erógeno forja-se enquanto tal, identificado com a ordem vital. Por esse viés seria possível aquilo que Freud denominava de **ação específica**, na sua metapsicologia inaugural (Freud, 1973 [1895]) — aquilo que possibilitaria a satisfação da exigência pulsional. Agora, contudo, a ação específica implica algo da ordem do **ato** advindo do outro, não sendo mais apenas uma virtualidade do organismo. O outro trabalha, pois, do registro gramatical do **verbo**, que pela sua conjugação costura as relações entre a força pulsional, os objetos de satisfação e o mundo da representação. Seria pelo verbo que o outro realizaria a conjunção entre os diferentes registros sublinhados acima.

Assim, enquanto verbo e ato, o outro tornaria a vida possível, introduzindo algo inexistente no organismo, inviável inicialmente para a vida. A transmis-

são da vida, pelas sendas da erogeneidade, passaria pelo ato do outro, que com a operação do verbo realizaria uma ação conjugativa, articulando os registros do sujeito e do objeto. Não é um acaso, certamente, que na frase final de “Totem e tabu” — quando Freud esboçava já a sua viragem metapsicológica, ao introduzir fartamente no seu discurso a problemática da morte —, ele afirme, parafraseando *Fausto*, de Goethe, que “no princípio era o ato” (Freud, 1975 [1913]). Vale dizer, seria pela ação do verbo que a conjugação entre os registros do sujeito e do objeto se constituiriam efetivamente, esboçando pois a ordem da linguagem. Esta seria a conseqüência primordial de uma conjunção que a antecede, que como ato articula pela **experiência da satisfação** os registros da força, do objeto e da representação, de maneira a entreabrir o horizonte para a construção da ordem vital.

Tudo isso nos indica que a nova metapsicologia freudiana delinea para a psicanálise um horizonte no qual esta se esboça como uma **teoria da ação**, onde o registro da palavra se inscreveria no da ação. Pela ação e pelo verbo, a linguagem adviria como a resultante maior do trabalho de conjugação conjuntiva realizada pelo outro, maneira pela qual o desamparo poderia ser manejado na condição humana.

Ato e Palavra

Pode-se destacar um conjunto de figuras metapsicológicas e clínicas que foram destacadas no contexto da última teorização freudiana, que seriam maneiras de esta se referir ao desamparo, de maneira direta ou indireta. Assim, o conceito de **angústia do real** (Freud, 1973 [1926]), que se diferenciaria do conceito de **angústia do desejo** (Freud, *idem*), fartamente desenvolvido na metapsicologia inicial, seria decorrente da condição de desamparo da condição humana, onde não existiria, nas origens, a conjunção entre a força, os objetos e o mundo da representação. A angústia do real seria a própria manifestação direta da força pulsional, que como excesso colocaria a subjetividade na condição de desamparo. Em decorrência disso, a teoria do **trauma** foi reatualizada no contexto metapsicológico, na medida mesmo em que inexistiria de maneira inerente à condição humana qualquer instrumento de proteção contra a força e o excesso pulsional (Freud, *idem*). Portanto, o sujeito humano estaria entregue aos efeitos transbordantes deste excesso, tendo que realizar através do outro um trabalho de conjugação para empreender a conjunção entre a força, o objeto e o mundo da representação, para evitar a produção traumática sempre iminente.

Além disso, o conceito de **feminilidade** enunciado ao final do percurso freudiano revela algo intimamente articulado com a condição do desamparo. Enquanto algo que revelaria a dispersão pulsional originária e a carência imediata de instrumentos de domínio das excitações, a feminilidade provocaria algo da ordem do **horror**, justamente pela inexistência de instâncias de proteção (Freud, 1992 [1939]). A ausência do referencial fálico, no registro erógeno originário, indicaria a falta de proteção para a subjetividade e a sua condição de desamparo.

Em função disso tudo, o **masoquismo** se perfilou como a grande modalidade de ser da subjetividade na metapsicologia final do discurso freudiano. Invertendo as relações iniciais entre o sadismo e o masoquismo, no qual o sadismo seria primário e o masoquismo seria sempre secundário (Freud, 1968 [1915]), Freud passou a afirmar a condição originária do masoquismo e a atribuição de derivação defensiva para o sadismo (Freud, 1973 [1924]). Vale dizer, enquanto primordial, o masoquismo seria a resultante direta do excesso e da força pulsional, diante da inviabilidade do organismo para lidar imediatamente com o transbordamento energético e costurar destinos possíveis para isso. Portanto, o masoquismo é o efeito primordial da angústia do real; delineia, pois, num registro eminentemente subjetivo, a maneira pela qual o desamparo se encorpa e se incorpora.

Por isso mesmo, o masoquismo se esboçou no percurso final do discurso freudiano como sendo a **forma de subjetivação** (Foucault, 1976, v. 1) fundamental que permearia as diferentes funcionalidades psicopatológicas, sejam estas da ordem da neurose, da psicose ou da perversão. Tais funcionalidades seriam então modalidades diversas e diferenciadas, pelas quais a subjetividade procuraria construir destinos possíveis para lidar e manejar o sofrimento produzido pelo masoquismo (Freud, 1973 [1924]). Além disso, pela configuração construída entre diversas formas de masoquismo, Freud nos indicou uma ruptura entre as modalidades defensivas e estruturantes daquele. Seria o reconhecimento da condição fundamental de desamparo que funcionaria aqui como critério distintivo, na medida em que no masoquismo erógeno aquele seria reconhecido e a estruturação subjetiva seria possível, enquanto que nos masoquismos moral e feminino o desamparo seria recusado, submetendo-se o sujeito ao outro para recusar a sua condição de desamparo (Birman, 1999).

Portanto, a totalidade da clínica psicanalítica foi reordenada pela constituição de outra metapsicologia e pelo enunciado do conceito de desamparo no final do percurso freudiano. Nesta, a figura do masoquismo ocupa uma

posição crucial, seja como configuração estruturante, seja como forma de subjetivação defensiva. Além disso, o que essa clínica anuncia é uma forma de intervenção da figura do analista pela qual o ato ocupa uma posição estratégica fundamental, na medida em que seria pela mediação daquele que a conjugação entre a força, os objetos e o mundo das representações seria possível. Com isso, poder-se-ia delinear destinos estruturantes para o desamparo, pela mediação do masoquismo erógeno, sem o qual a subjetividade se petrificaria nas modalidades masoquistas de submissão ao outro. Entretanto, para que isso seja viável, é preciso que a palavra e a linguagem na experiência psicanalítica se inscrevam no registro da ação, mediante a qual o verbo pode possibilitar a construção do corpo erógeno.

Referências Bibliográficas

- BICHAT, X. *Recherches physiologiques sur la vie et la mort, et autres essais*. Paris: Flammarion, 1994.
- BIRMAN, J. Estilo de ser, forma de padecer e maneira de sentir. In: BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie de la science*. Paris: Vrin, 1968.
- _____. *La connaissance de la vie*. 2 ed. Paris: Vrin, 1971.
- _____. *Le normal et le pathologique*. 3 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.
- FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- _____. *Volonté de savoir*. Histoire de la sexualité. Volume I. Paris: Gallimard, 1976.
- FREUD, S. Au-delà do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981 [1920].
- _____. Esquise d'une psychologie scientifique. 3ª parte. In: FREUD, S. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973 [1895].
- _____. L'analyse avec fin et l'analyse sans fin. In: FREUD, S. *Résultats, idées, problèmes*. v. II. Paris: Presses Universitaires de France, 1992 [1939].
- _____. Le problème économique du masochisme. In: FREUD, S. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973 [1924].
- _____. Pulsions et destins des pulsions. In: FREUD, S. *Métopsiologie*. Paris:

Gallimard, 1968 [1915].

_____. *Inhibition, symptôme et angoisse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973 [1926].

_____. *L'avenir d'une illusion*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

_____. *L'interprétation des rêves*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976 [1900].

_____. *Malaise dans la civilisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971 [1930].

_____. *Totem et tabou*. Paris: Payot, 1975 [1913].

LACAN, J. *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse* (1953).

In: LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

PONTALIS, J. B. *Après Freud*. Paris: Gallimard, 1968.